

Zé Vicente: 70 anos

Zé Vicente: 70 years

Emerson Sbardelotti

Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP) - Brasil

Resumo

O presente artigo presta uma homenagem ao poeta, cantor e compositor Zé Vicente, a partir da escolha de três letras que representam toda sua obra e servirão de ponte para uma reflexão teológica. Propõe-se apresentar, seguindo o método bibliográfico-documental, a ponte construída pela Poesia e pela Profecia contida nas canções de Zé Vicente que animam e sustentam a missão e o compromisso das Comunidades Eclesiais de Base enquanto locus theologicus na defesa da vida em um contexto de intolerância, discriminação e ódio. A profecia, a poesia e a espiritualidade contida nas canções de Zé Vicente, a partir de variados ritmos brasileiros que o artista foi agregando ao seu processo de composição, mostram a atualidade com que ele interage com a realidade ao seu redor. A utopia e a esperança são marcas profundas de quem tem fome de verdade e de beleza; elas estão presentes em sua obra. Assim como a Literatura, a obra de Zé Vicente toma uma posição frente à realidade da vida, da sociedade, frente aos sofrimentos, à opressão, apontando saídas. As letras de suas canções são orações repletas de ardor missionário e estética evangélica. Germinam do arcabouço das narrativas bíblicas, florescem e crescem no coração de quem segue os passos do Mestre de Nazaré. Zé Vicente faz de suas letras uma arte das palavras, uma manifestação artística, caracterizada pelo predomínio da função poética e profética; em suas letras, é onde o autor expressa e expõe seus pensamentos mais profundos e íntimos, por isso, cheios de ternura e compromisso.

Palavras-chave

Zé Vicente.
Canções.
Profecias.
Utopia.
Esperança.

Abstract

This article pays tribute to the poet, singer and composer Zé Vicente, based on the selection of three lyrics that represent his entire work, which will serve as a bridge for reflection. It proposes to present, following the documentary bibliographic method, the bridge built by Poetry and Prophecy contained in Zé Vicente's songs that encourage and sustain the mission and commitment of the Ecclesial Base Communities as a locus theologicus in the defense of life in a context of intolerance, discrimination and hatred. The prophecy, poetry and spirituality contained in Zé Vicente's songs, based on the various Brazilian rhythms that the artist incorporated into his composition process, show the current way in which he interacts with the reality around him. Utopia and hope are deep marks of those who hunger for truth and beauty; they are present in his work. Just like Literature, Zé Vicente's work takes a stand on the reality of life, of society, in the face of suffering and oppression, pointing out ways out. The lyrics of his songs are prayers filled with missionary zeal and evangelical aesthetics. They sprout from the framework of biblical narratives, blossom and grow in the hearts of those who follow in the footsteps of the Master of Nazareth. Zé Vicente makes his lyrics an art of words, an artistic manifestation, characterized by the predominance of the poetic and prophetic function; in his lyrics, the author expresses and exposes his deepest and most intimate thoughts, therefore, full of tenderness and commitment.

Keywords

Zé Vicente.
Songs.
Prophecies.
Utopia.
Hope.

Introdução

José Vicente Filho nasceu em 23 de março de 1954, no sítio Aroeiras em Icó, hoje município de Orós, no Ceará. É um dos mais autênticos e importantes representantes da cultura popular e religiosa nordestina na Igreja Católica Apostólica Romana no Brasil. Seu pseudônimo é *Zé Vicente*. Em sua primeira poesia, Zé Vicente nos diz de onde é e como é:

Venho do sertão
quente, pegando fogo
venho lá da roça do meu Ceará.
Tenho esperança
sou caboclo novo
sou gente do povo
que vive a lutar (Vicente *apud* Marin, 1990, p. 1).

Germinou para a poesia de cordel pelos anos de 1977-1978. Entre vários folhetos, os principais são: *Carta aos Brasileiros* [1978], *Direitos da Criança* [1979], *Grito Nordestino* [escrito durante a seca de 1982], *José de Nazaré* [sobre a história e a devoção popular ao santo padroeiro do Ceará, de março de 2003]. Lançou um livro de poesia: *Tempos Urgentes*, pela editora Paulinas, em 2000. Os primeiros passos na composição musical foram dados em 1981.

Seus discos foram gravados em diversas gravadoras, tais como a Verbo Filmes e a COMEP-Paulinas. Com a Verbo Filmes ele gravou um disco apenas¹; com a COMEP-Paulinas ele gravou dez discos² e, de forma independente, gravou três³. Zé Vicente também gravou dois discos em parceria com diversos artistas⁴. Mas, ele não encerrou ainda sua carreira e continua lançando *singles* de forma independente em seu Canal⁵ no YouTube.

Neste artigo, faço um recorte da obra de Zé Vicente, debruçando-me e refletindo sobre três letras que representam bem seu pensamento a partir de palavras recorrentes, tais como: utopia, esperança, libertação, sonho e justiça. Em 2024, Zé Vicente completou 70 anos de vida. Este artigo pretende ser uma singela homenagem por tudo que fez e faz pela Arte Libertadora.

Cantador de utopias

No diálogo promissor existente entre a Teologia da Libertação e a Arte Libertadora, destaca-se a profecia poética e musical de Zé Vicente, no período que compreende os anos de 1981 a 2024. Zé Vicente é teólogo de formação, além de poeta, cantor, músico, missionário, místico, arte-educador e profeta; participa ativamente, com suas reflexões e produções artísticas, da história da Igreja Católica Apostólica Romana no Brasil. Foi o idealizador do

¹ VICENTE, Zé. *Caminhos da América*. São Paulo: Verbo Filmes, 1987/1999, encarte com as letras.

² VICENTE, Zé. *Festa dos Pequenos*. São Paulo: COMEP / Paulinas, 1989/2000, encarte com as letras. VICENTE, Zé. *Presente*. São Paulo: COMEP / Paulinas, 1992/1995, encarte com as letras. VICENTE, Zé. FONTELES, Babi. *Em Canto*. São Paulo: COMEP / Paulinas, 1994/2000, encarte com as letras. VICENTE, Zé. *Sol e Sonho*. São Paulo: COMEP / Paulinas, 1996, encarte com as letras. VICENTE, Zé. *Nas Horas de Deus, amém!* São Paulo: COMEP / Paulinas, 1998, encarte com as letras. VICENTE, Zé. *Nativo*. São Paulo: COMEP / Paulinas, 2000, encarte com as letras. VICENTE, Zé. *Dádivas*. São Paulo: COMEP / Paulinas, 2003, encarte com as letras. VICENTE, Zé. *Essa chama não se apaga*. São Paulo: COMEP / Paulinas, 2006, encarte com as letras. VICENTE, Zé. *Coletânea*. São Paulo: COMEP / Paulinas, 2010, encarte com uma breve biografia do artista. VICENTE, Zé. *Zé Vicente da Esperança*. COMEP / Paulinas, 2012, encarte com as letras.

³ VICENTE, Zé. *Forrozim de Amor e Luta*. Fortaleza: Independente, 2004, encarte com as letras. VICENTE, Zé. *Janelas*. Fortaleza: Independente, 2011. VICENTE, Zé. *Agora*. Fortaleza: Independente, 2018, encarte com as letras.

⁴ Cf.: *O Canto das Comunidades*. São Paulo: COMEP / Paulinas, 1982-1985/1996, encarte com as letras. *Caminhada dos Mártires*. São Paulo: Verbo Filmes, 1997, encarte com as letras.

⁵ Cf.: Zé Vicente Oficial. Disponível em: <<https://www.youtube.com/channel/UCJ5UhB8htlWWnYAkqGUAbYA>>. Acesso em: 21 mar. 2024.

Movimento dos/as Artistas da Caminhada (MARCA)⁶, desde sua concepção à sua consolidação, ajudando, assim, a descobrir e a incentivar tantos/as animadores/as e lideranças nas Comunidades Eclesiais de Base (CEBs).

Segundo Dalvina Maria Pedrini:

Uma grande intuição e organização de Zé Vicente é o Movimento de Artistas da Caminhada (MARCA), que ocupa grande espaço no seu coração e na sua agenda.

Foi em julho de 1986, no 6º. Encontro Intereclesial de Comunidades de Base em Trindade (GO), que nasceu no seio de um grupo de artistas, o desejo de se encontrarem.

O sonho foi se tornando projeto, e em julho de 1990, no litoral nordestino (João Pessoa), realizou-se o primeiro encontro com 14 pessoas de 08 estados.

Nascia assim o Movimento! Domingos Sávio, um dos artistas do grupo intui e batiza: MARCA. Poderia ter sido: Movimento dos artistas da caminhada fechando o grupo com as pessoas presentes no encontro. Mas foi com muita consciência e sabedoria que o grupo abriu as portas e os braços a todos, “criando uma rede de sintonia entre aqueles e aquelas cuja arte não se fazia simplesmente por encomenda, para tornar eventos e celebrações mais atraentes como se a arte fosse enfeite. Artistas sim, da arte que brota e se afirma como expressão mesma da identidade de nós povo. Artistas que desejam aprofundar sua opção essencial e brilhar juntos feito constelação”.

E por que Artistas da Caminhada? Que caminhada é esta?

É a caminhada de onde a gente vem, a caminhada do povo pobre, do povo trabalhador, do povo resistente deste Brasil que se põe numa caminhada em busca de vida, de justiça, de seus direitos (Pedrini, 1997, p. 17).

Zé Vicente é um criador de sonhos, utopias e esperanças. Com um olhar de criança, consegue purificar tudo o que está ao seu redor, deixando suave o gosto muitas vezes amargo de nossos dias. Sua militância poético-musical se aproxima de uma característica marcante do papado de Francisco: os pobres e marginalizados, como centro de seus gestos mais impactantes e proféticos. Como nas homilias e discursos de Francisco, na obra de Zé Vicente, nas veredas, nas entrelinhas, encontramos o projeto de “uma Igreja pobre e para os pobres”. Este era o sonho de São João XXIII: “uma Igreja pobre e para os pobres”.

Contudo, o Zé Vicente místico nos faz cantar três coisas muito fortes, e que marcará toda a sua obra:

⁶ É um mutirão de artistas de todas as áreas que se unem para manter viva a arte inspirada na Teologia da Libertação. São linhas de pensamento e atuação: Inspiração - Arte - Criatividade - Vivência - Mística - Talento - Ação - Produção - Família - Compromisso Social.

- a) *A consciência da fé.* A fé do meu povo. A fé no Deus da vida, que tem nome, é libertador, que tem lugar: o dos oprimidos, dos pobres e explorados. Não me entendo acreditando num Deus que não tem lugar, em cima do muro, das instituições estabelecidas sobre a miséria do povo, sobre o medo, sobre a falsa consciência, sobre a falsa moral que não reconhece o valor da vida, mas defendendo apenas o valor de sua existência. Esse é um primeiro aspecto daquilo que eu canto.
- b) *A luta do meu povo pela vida.* Eu aprendi a lutar desde os 4 anos, na roça. De lá para cá foi sempre assim. Nas épocas de seca, quando já não estava mais trabalhando na roça, estava nas ruas, trabalhando nos bairros e também presente nas manifestações dos trabalhadores por terra e por trabalho. Lembro-me em Crateús, onde vivo desde 1981, todos na praça atrás de comida e as autoridades chamando a polícia para cercar a praça. Aí pensamos: o que fazer para ajudar nossa resistência? Começamos a inventar versos em cordel, cantos.
- c) *Acreditando em Deus, cantando a luta.* Tenho que cantar também um projeto de futuro. O futuro que eu entendo é o da libertação. Por isso tudo o que posso cantar como fé no meu Deus e como luta do meu povo, posso fazê-lo numa esperança, a utopia.
A utopia aparece em duas faces: a negação do sistema de morte e a canção da alegria pela vida que queremos conquistar, que vamos gerando dia a dia, passo a passo dolorido do povo na história (Vicente *apud* Marin, 1990, p. 1).

Zé Vicente faz de suas letras uma arte das palavras, uma manifestação artística. Elas são caracterizadas pelo predomínio da função poética e profética. Nelas, o autor expressa seus pensamentos mais profundos e íntimos, por isso cheios de ternura e compromisso.

Zé Vicente utiliza diversos ritmos e gêneros em suas músicas, entre eles: Marcha, Samba, Marcha-Rancho, Frevo, Baião, Valsa, Rock, Xote. Um desses gêneros se destaca em vários discos: o Baião. José Ramos Tinhorão diz que:

O ritmo do baião nordestino, transformado em gênero de música popular urbana a partir de meados da década de 1940, graças ao trabalho de estilização do acordeonista pernambucano Luís Gonzaga e do advogado cearense Humberto Teixeira (“Eu vou mostrar pra vocês/ Como se dança o baião/ E quem quiser aprender/ É favor prestar atenção”, dizia o pioneiro “Baião” de 1944), tem sua origem num tipo de batida à viola denominado exatamente de baião. Nascido provavelmente de uma forma especial dos violeiros tocarem lundus na zona rural do Nordeste (onde essa dança e depois canção citadina chamada de lundu chegou com o nome de baiano), o baião estruturou-se como música de uma dança que no dizer do maestro Batista Siqueira, “evita a síncopa, começando a frase melódica depois de pequena pausa”. Na verdade, esse “pequeno trecho musical executado pelas violas nos intervalos do canto no desafio” - segundo a definição de baião do folclorista Luís da Câmara Cascudo, que o dá como sinônimo de rojão -, o baião, teria tido dificuldade

em passar de reminiscência de ponteado de lundu à música de dança, quando as clássicas sanfonas nordestinas, encarregadas de animar os bailes do interior, começaram a desenvolver e a enfeitar com acordes aquela introdução musical de compasso 2/4. [...] É verdade que, preocupado em reivindicar a exclusividade da criação do ritmo do baião, o compositor Luís Gonzaga afirmaria vinte anos depois, em inícios de 1972, ter sido também o introdutor do triângulo nesse conjunto típico de sanfona e zabumba, formando assim a composição instrumental mais indicada para produzir o ritmo do novo gênero. Porém, a fotografia de uma banda de música do interior do Estado de Alagoas, publicada pela revista *Ilustração Brasileira* em número de 1929, já mostrava, ao lado dos tocadores de pífaros, caixa, zabumba e rabeca, um menino segurando um triângulo de ferro. Descontadas, no entanto, essas reivindicações formuladas em nome da vaidade, a melhor explicação sobre o processo de estilização que daria como resultado a criação do baião cantado urbano ainda partiria do mesmo compositor e sanfoneiro Luís Gonzaga, quando após afirmar em entrevista de 1972 que “o baião foi ideia minha e do Humberto Teixeira”, acrescentava: “Quando toquei um baião para ele, saiu a ideia de um novo gênero. Mas o baião já existia com coisa do folclore. Eu tirei do bojo da viola do cantador, quando faz o tempero para entrar na cantoria e dá aquela batida, aquela cadência no bojo da viola. A palavra também já existia. Uns dizem que vem de baiano, outros que vem de baía grande. Daí o baiano que saiu cantando pelo sertão deixou lá a batida e os cantadores do Nordeste ficaram com a cadência. O que não existia era uma música que caracterizasse o baião como ritmo. Era uma coisa que se falava: “Dá um baião aí...”. Tinha só o tempero, que era o prelúdio da cantoria. É aquilo que o cantador faz, quando começa a pontilhar a viola, esperando a inspiração. [...] Criada, pois, a música que caracterizava o baião, como quer Luís Gonzaga, o novo tipo de canção popular e ritmo de dança explodiu em 1946 no mercado musical saturado de boleros e sambas-canções abolerados como uma redescoberta da vitalidade rítmica. [...] Com o lançamento, em fins de 1946, da música de Luís Gonzaga e Humberto Teixeira intitulada exatamente “Baião”, o novo gênero se apresentava, de maneira muito feliz, com uma letra em que, além de acentuar essa novidade, ainda revelava claramente seu propósito de servir como ritmo de dança (Tinhorão, 2015, p. 251-255).

A profecia, a poesia e a espiritualidade contidas nas canções de Zé Vicente, a partir de variados ritmos brasileiros que o artista foi agregando ao seu processo de composição, mostram como ele interage com a realidade ao seu redor, sem perder sua identidade própria, e nisso reside a sua atualidade. Ele dialoga sempre buscando extrair o que há de melhor no encontro com novas propostas musicais. É um encontro intergeracional em que o resultado é uma evangelização inculturada, de excelente qualidade, baseada numa análise atenta dos sinais dos tempos.

A beleza da esperança

No processo de elaboração deste artigo, ouvi as 172 canções de Zé Vicente, distribuídas entre seus álbuns e as lançadas no seu Canal Oficial no YouTube. Ao final, restaram apenas 3, escolhidas com esmero porque estão embebidas de beleza e de esperança. Essas canções nos darão uma ideia da importância e da magnitude da obra de Zé Vicente. Tarefa prazerosa, porém, nada fácil. O critério utilizado para a escolha foi o temático, pois alguns temas falam bem alto e tocam profundamente o coração e a alma do poeta cantador Zé Vicente. São eles: martírio, libertação e esperança!

2.1 Martírio

Para Marcelo Barros, o significado de martírio:

Vocês serão minhas testemunhas” (At 1,8). Conforme os Atos dos Apóstolos, antes de sua ascensão foi assim que Jesus definiu a missão dos seus discípulos e discípulas. Desde então, ser discípulo/a (cristão/ã) é antes de tudo assumir a tarefa de ser testemunha do Cristo e do Reino de Deus. Em grego, o termo “testemunho” se traduz por *martyria*. Desde os primeiros séculos da Igreja, chamaram-se *mártires* as pessoas que deram testemunho do Evangelho do Reino de Deus ou da pessoa de Jesus Cristo com o sacrifício da própria vida.

[...] Esta profissão de fé, feita não com palavras, mas com o próprio sangue, continha e contém até hoje uma dimensão fortemente profética. As comunidades cristãs proclamavam como santas as pessoas que o Império condenava. Podemos dizer que não existe mártir sem alguma subversão social e política ao sistema vigente.

[...] O mártir é testemunha, não porque sofre, mas porque leva em si, de maneira crível, a notícia da salvação. [...] O testemunho consiste em tornar presente a realidade do fato. Ela é a anamnese (memorial). Independente se a pessoa é religiosa ou não, o fato de que a pessoa deu a vida pela causa da justiça a situa no número dos bem-aventurados do Cristo. A pessoa mártir é uma espécie de exegese viva de Jesus. É um comentário vivo do Evangelho (Barros *apud* Irmandade dos Mártires da Caminhada, 2018, p. 14-17).

Zé Vicente compôs *Canto dos Mártires da Terra*, em abril de 1986, após a notícia de um conflito pela posse de terra em Quixadá-CE, no qual foram mortos dois lavradores, alguns meses antes do Intereclesial das CEBs, que ocorreu em Trindade-GO. O *long play* “Caminhada dos Mártires” teve seu lançamento no 6º Intereclesial das CEBs, no Santuário do Divino Pai Eterno,

Goiás. Com arranjos de Luiz Augusto Passos, interpretação de Astúlio Nunes, a canção nos emociona e encanta. Durante uma mística, o artista apresentou a canção; ao final, foi chamado por D. Pedro Casaldáliga, que conversou com o padre Cireneu Kuhn sobre o álbum que estava sendo preparado pela Verbo Filmes e que não teria mais 10 canções e sim 11, pois aquela do Zé Vicente teria que entrar.

CANTO DOS MÁRTIRES DA TERRA

Venham todos cantemos um canto que nasce da terra
Canto novo de paz e esperança em tempo de guerra
Neste instante, há inocentes tombando nas mãos de tiranos
Tomar terra, ter lucro matando são esses seus planos
Lavradores, Raimundo, José, Margarida, Nativo,
Assumir sua luta, seu sonho por nós é preciso.
Haveremos de honrar todo aquele que caiu lutando,
Contra os muros e cercas da morte, jamais recuando

**Eis o tempo de graça, eis o dia da libertação
De cabeças erguidas, de braços reunidos, irmãos
Haveremos de ver qualquer dia chegando a vitória
O povo nas ruas fazendo a história,
Crianças sorrindo em toda a nação!**

Companheiros, no chão dessa pátria é grande a peleja.
No altar da Igreja, seu sangue bem vivo lateja
Sobre as mesas de cada família há frutos marcados
E há flores vermelhas gritando por sobre os roçados
Ó Senhor, Deus da Vida, escute este nosso cantar
Pois contigo o povo oprimido há de sempre contar
Para além da injúria e da morte conduz nossa gente
E seu Reino triunfe na terra deste Continente.

Canto dos Mártires da Terra é uma canção martirial, de denúncia, porém, de anúncio e esperança. O tema do martírio percorre as estrofes e o refrão. Infelizmente, ela é atualíssima. Essa atualidade da canção é facilmente verificada em consulta à página da Comissão Pastoral da Terra (CPT) na web.

Na primeira estrofe, há uma convocação, um chamado, um convite: “*Venham todos cantemos um canto que nasce da terra*”, não é qualquer canto, é um canto que vem do útero da terra, com toda sua força; é um canto novo, um canto de paz, um canto de esperança, num tempo de guerra. E, pelo que se vê no quadro apresentado pela CPT, inocentes continuam tombando nas mãos de tiranos, pois o que interessa é o lucro. Lucro é o que move o capitalismo selvagem.

As pessoas citadas na letra são reais, e, dos nomes citados, dois são mais conhecidos: Margarida Maria Alves⁷ e Nativo da Natividade de Oliveira. O pedido do autor é que assumamos sua luta e seu sonho, pois é nosso dever honrar toda e qualquer pessoa que tombou sem jamais recuar. As cercas e os muros estão presentes e nos separam da vida digna que Deus deseja para cada um, para cada uma de nós. Derrubá-las, derrubá-los é nossa missão.

No refrão, o autor apresenta a certeza da liberdade adquirida: “*Eis o tempo de graça, eis o dia da libertação*”. A libertação trazida por Deus é um tempo de graça que ergue nossas cabeças, reúne nossos braços, enquanto irmãs e irmãos “*haveremos de ver qualquer dia chegando a vitória*”, que virá depois de muita luta, de muita persistência, porém, no fim: “*o povo nas ruas fazendo a história*”, mulheres e homens, enquanto protagonistas de suas próprias vidas, sem algemas, correntes ou amarras, com a beleza de “*crianças sorrindo em toda a Nação*”.

Na segunda estrofe, o artista nos alerta que a batalha é grande, e que tanto no altar da Igreja quanto nas mesas das famílias, o sangue das testemunhas, estão presentes, como frutos marcados, como flores vermelhas, que gritam no chão desta Pátria Grande e por sobre nossos roçados. Zé Vicente eleva sua súplica a Deus: “*Ó Senhor, Deus da vida, escute este nosso cantar*”. É o canto do povo oprimido que chega aos ouvidos de Deus, que escuta, e cheio de compaixão, desce e arma sua tenda e salva o teu povo, conduzindo nossa gente que verá seu Reino triunfando na terra e nas veias abertas deste continente, numa clara alusão ao narrado no livro bíblico do Êxodo.

2.2 Libertação

Sobre a música *Canto de Libertação*, Zé Vicente diz:

[...] eu compus no mesmo ano em que compus a primeira que se tornou conhecida: *Povo Novo*, 1981. Havia perdido a cópia e

⁷ Zé Vicente homenageou Margarida Maria em uma outra canção intitulada *Canção pra Margarida*, que é a faixa 10 do CD *Em Canto*, com Babi Fonteles. Segundo Zé Vicente: “Ao colocar a imagem das espigas na canção, fui tomado de emoção, quando Dom Marcelo Cavalheira, bispo de Guarabira na época do assassinato de Margarida, me contou que quando o pistoleiro a chamou na porta, ela saiu comendo uma espiga de milho verde [...]”. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=LxNcmPHadac>>. Acesso em: 18 jun. 2024.

reencontrei neste início de 2021, para abrir este 40º Ano Celebrativo, no novo Projeto Musical: *Raízes* (Vicente, 2021).

A canção tem como fonte bíblica, a profecia de Joel 3,1-2 que diz:

Acontecerá depois disso: “Derramarei meu Espírito sobre toda carne. Vossos filhos e vossas filhas profetizarão; vossos anciãos terão sonhos, vossos jovens, visões. Também sobre os servos e as servas, naqueles dias, derramarei meu espírito”.

CANTO DE LIBERTAÇÃO

Um dia a chuva linda irá cair
E os campos deste chão vão reflorir
Os pobres unidos se alegrarão
Num canto novo de libertação
O sol, a lua e as estrelas brilharão
Os riachos e as cisternas se encherão
A juventude vai profetizar
As idosas e os idosos vão sonhar

E juntos cantarão: Alegria irmãs e irmãos!

Os campos e as cidades mudarão
O Direito e a Justiça vencerão
As mulheres juntas vão se alegrar
E as crianças vão brincar e estudar!
Deus da Vida se fez o nosso luzeiro
Jesus Cristo, nosso irmão e companheiro
O Amor será o nosso sol maior
E o menor vai sempre acreditar no menor

E juntos cantarão: Alegria irmãs e irmãos! (Youtube)

A letra de *Canto de Libertação* nos apresenta a ideia constante do artista de anunciar a Boa Nova do Evangelho ligada à vida do povo, denunciando as mazelas que maltratam a vida do povo, e ameaçar a sociedade que insiste em não partilhar o poder, tirando a dignidade e a esperança do povo.

Na primeira estrofe, Zé Vicente, olhando para o horizonte, chama a nossa atenção para o fato de que a natureza e a humanidade devem estar unidas e, assim, testemunhar a alegria dos pobres num canto de libertação. Movidas por esta alegria as juventudes irão profetizar, e os anciãos que nos antecederam na luta, sonharão. Na segunda estrofe, o artista afirma que tudo se transformará, e para melhor, pois essa virada de chave, essa tomada de atitude se dará a partir do amor neste Deus da Vida, que nunca abandona o seu povo. No refrão, a certeza da vitória, da esperança e da alegria: “*E juntos*

cantarão: Alegria irmãs e irmãos!”. Alegria que vem do Evangelho partilhado e experimentado na comunidade, na luta em defesa constante da vida.

“Libertação não é um termo que vem da sociologia, mas das Escrituras judaico-cristãs, aplicado à antiga e à nova Páscoa. Por sua vez, a teologia latino-americana se encarregaria de explicar seu referencial bíblico e sua consistência teológica” (Brighenti *apud* Souza; Sbardelotti, 2018, p. 159).

Para Gustavo Gutiérrez, a libertação surge de um profundo movimento histórico que foi acolhido pela comunidade eclesial de base como um sinal dos tempos. Contudo, não há uma uniformidade na aproximação ao tema e sim três:

1. Libertação exprime, em primeiro lugar, as aspirações das classes sociais e dos povos oprimidos, e sublinha o aspecto conflituoso do processo econômico, social e político que os opõe às classes opressoras e aos povos opulentos.
2. Mais profundamente, conceber a história como um processo de libertação de homens e mulheres no qual estes vão assumindo conscientemente seu próprio destino situa em um contexto dinâmico e amplia o horizonte das mudanças sociais desejadas. Nesta perspectiva, a libertação aparece como exigência do desdobramento de todas as dimensões da pessoa. De alguém que se vai fazendo ao longo de sua existência e da história. A conquista paulatina de uma liberdade real e criadora leva a uma permanente revolução cultural, à construção de uma pessoa nova, a uma sociedade qualitativamente diferente. Essa visão permite, pois, uma melhor compreensão do que de fato está em jogo em nossa época.
3. Falar de libertação permite outro tipo de aproximação que nos conduz às fontes bíblicas que inspiram a presença e o atuar do ser humano na história. Na Bíblia, Cristo nos é apresentado como portador da libertação. Cristo salvador liberta o ser humano do pecado - raiz última de toda ruptura de amizade, de toda injustiça e opressão -, fazendo-o autenticamente livre, isto é, livre para viver em comunhão com Ele, fundamento de toda fraternidade humana (Gutiérrez, 2000, p. 95-96).

2.3. Esperança

Sobre o tema da esperança, Paulo Freire dizia que:

A esperança faz parte da natureza humana. Seria uma contradição se, inacabado e consciente do inacabamento, primeiro, o ser humano não se inscrevesse ou não se achasse predisposto a participar de um movimento constante de busca e, segundo, se buscasse sem esperança. A desesperança é negação da esperança. A esperança é uma espécie de ímpeto natural possível e necessário, a desesperança é o aborto deste ímpeto. A esperança é um

condimento indispensável à experiência histórica. Sem ela, não haveria história, mas puro determinismo. Só há história onde há *tempo problematizado* e não pré-dado. A inexorabilidade do futuro é a negação da história (Freire, 2014, p. 70-71).

Zé Vicente fala da esperança de modo todo especial na canção intitulada *Baião das Comunidades*, de fevereiro de 1983. Ela foi cantada com muito sucesso no 5º Intereclesial das CEBs na cidade de Canindé-CE, em julho daquele ano. A canção apresenta, para todas as pessoas, as qualidades e virtudes das CEBs; o rosto de uma Igreja que desde sua origem está em saída, pois originou-se nas periferias, sendo samaritana, misericordiosa, profética, acolhendo a todos e a todas com imenso carinho, amor e esperança. Por isso, uma experiência tão atacada, difamada, discriminada, perseguida, porém, firme e viva:

BAIÃO DAS COMUNIDADES

Somos gente nova vivendo a união
Somos povo: semente de nova nação, ê ê
Somos gente nova vivendo o amor
Somos comunidades, povo do Senhor, ê ê

Vou convidar os meus irmãos trabalhadores
Operários, lavradores, biscateiros e outros mais
E juntos vamos celebrar a confiança
Nossa luta na esperança
De ter terra, pão e paz, ê ê

Vamos chamar os índios que ainda resistem
As tribos que ainda insistem no direito de viver
E juntos vamos, reunidos na memória
Celebrar uma vitória que vai ter de acontecer, ê ê

Convido os negros, irmãos no sangue e na sina
Seu gingado nos ensina a dança da redenção
De braços dados no terreiro da irmandade
Vamos sambar de verdade
Enquanto chega a razão, ê ê

Vamos chamar Oneida, Rosa, Ana e Maria
A mulher que noite e dia luta e faz nascer o amor
E reunidas no altar da liberdade
Vamos cantar de verdade
Vamos pisar sobre a dor, ê ê

Vou convidar a criançada e a juventude
Tocadores me ajudem, vamos cantar por aí
O nosso canto vai encher todo o país
Velho vai dançar feliz
Quem chorou vai ter que rir, ê ê

Desempregados, pescadores, desprezados
 E os marginalizados, venham todos se ajuntar
 À nossa marcha pra nova sociedade
 Quem nos ama de verdade pode vir, tem um lugar, ê ê (Youtube).

No refrão e nas seis estrofes que compõem o *Baião das Comunidades*, Zé Vicente homenageia as CEBs e traz nas entrelinhas da canção, a esperança. Ele retrata as CEBs a partir do olhar de quem participa de uma Comunidade, que conhece seus desafios, suas angústias, suas alegrias, suas dores, suas realizações, seus silêncios. A partir do olhar do artista descobrimos que as CEBs são da acolhida, da partilha, da liberdade e da esperança, do jeito que havia sido ensinado por Jesus de Nazaré. Somos gente nova, somos sementes e somos povo do Senhor, ou seja, Povo de Deus que é categoria eclesial retomada na *Constituição Dogmática Lumen Gentium sobre a Igreja*. Ali se diz:

O povo santo de Deus participa também da missão profética de Cristo: dá testemunho vivo dele especialmente pela vida de fé e de caridade, e oferece a Deus o sacrifício de louvor, fruto dos lábios que glorificam o seu nome (cf. Hb 13,15). A totalidade dos fiéis, que possuem a unção que vem do Espírito Santo (cf. 1Jo 2,20.27), não pode enganar-se na fé, e manifesta esta sua propriedade característica mediante o sentido sobrenatural da fé do povo inteiro, quando “desde os bispos até os últimos fiéis leigos”, exprime o seu consenso universal a respeito das verdades da fé e costumes. Todos os homens são chamados ao povo de Deus. É por isso que este povo, permanecendo uno e único, deve dilatar-se até os confins do mundo inteiro e em todos os tempos, para se dar cumprimento ao desígnio de Deus que, no princípio, criou a natureza humana e decidiu congregar finalmente na unidade todos os seus filhos que estavam dispersos (cf. Jo 11,52) (LG, n. 12;13).

As CEBs são o espaço do respeito, do diálogo e do encontro. Nelas, os conceitos de pluralidade e diversidade são levados a sério. O diferente não incomoda; pelo contrário, soma-se à identidade das CEBs. E isso fica evidente na canção de Zé Vicente quando ele consegue reunir trabalhadores, indígenas, negros, mulheres, crianças, juventudes, tocadores, idosos e idosas, desempregados, pescadores, marginalizados, todas e todos com suas características, suas singularidades. Porém, neste terreiro da irmandade, conseguem construir uma nova sociedade baseada na justiça, no amor, na esperança, na festa; afinal, *Baião das Comunidades* é uma grande festa. No fundo, há um sentimento de esperança e liberdade que perpassa toda a

canção. A liberdade e a esperança são elementos centrais da mensagem cristã.

Em 2024, Zé Vicente completou 70 anos de vida. E o artista continua criando canções que dialogam com as novas gerações; apresentando a elas o respeito, o diálogo e o encontro, tripé necessário para a existência pacífica, porém, profética diante de uma sociedade acentuadamente marcada pelo ódio, pela discriminação, pela intolerância, pelo fundamentalismo e fanatismo religioso, pelo racismo e por tantas outras formas de violência. E uma dessas canções é *Canção Urgente*:

A vida sem amor
Não vale nada.
O tempo é implacável
Sobre nós.
Depressa! Este Planeta
É só urgências.
E Deus não vem desatar
Os nossos nós.

Viver tem pressa
O que interessa
É bem saber
É bem querer
É bem cuidar!
Feminicídio
Infanticídio
Genocídio
É preciso acabar!

Riqueza e Poder
Valem tão pouco.
O medo, o ódio, a guerra
Vão passar!
Urgente é saciar
A fome, a sede...
E respeitar a quem
Se deve amar.

Religiões sem atos
São tão frágeis!
O Templo mais sagrado
É o corpo, o Ser.
A cura, a solução
São coletivas
Urgente é só Amar
Unir, Viver.

Viva a beleza!
A natureza!
Viva a grandeza
Que há em cada coração!

Chegou a hora
 É hoje, agora
 Viva o abraço!
 Viva o laço!
 A gratidão! (Youtube)

Segundo Pedro A. Ribeiro de Oliveira:

Essa canção de Zé Vicente foi composta na noite em que ele tomou consciência de que o ataque militar do Estado de Israel contra o povo Palestino não era apenas um gesto de defesa contra o terrorismo - como alegaram seus dirigentes - mas uma tentativa de genocídio daquele povo. É uma canção profética que denuncia a violência do “feminicídio, infanticídio, genocídio”, consola afirmando que “o medo, o ódio, a guerra vão passar” e anuncia o caminho da redenção: “chegou a hora de viver o abraço, o laço, a gratidão”.

Essa canção deve nos mobilizar para a ação transformadora. São palavras **poéticas** porque são **criadoras**, e este é o significado grego de *poiesis*: criação. Ao musicalizá-las, Zé Vicente coloca força ao denunciar as violências enquanto suaviza a canção ao fazer o chamado à ação. Cantar com atenção essa canção é alimentar nosso espírito com novo ânimo: sem fechar os olhos para as opressões que matam, mas com a certeza de que o Amor vai triunfar. Nesse tempo tenebroso de guerras - toda guerra é injusta e injustificável, como bem adverte Francisco - Zé Vicente nos lembra que nossos corpos são os verdadeiros templos do Deus Vivo que nos convida a viver com a alegria de um bom abraço.

Embora bem diferentes no ritmo, essa *Canção Urgente* combina bem com aquela que começa afirmando “Se é pra ir pra luta eu vou” para afirmar que “na vida da gente o vale é o amor”. E ambas combinam com aquele inspirado verso de Castro Alves, que no século 19 já dizia: “Não chores, meu filho, que a vida é luta renhida: viver é lutar”. Luta, amor, arte e corporalidade têm tudo a ver com a espiritualidade libertadora (Oliveira, 2024, p. 23).

Considerações finais

As canções de Zé Vicente são fermento na massa! E ele nos ensina e nos convida a refletir sobre sete finalidades da Arte Libertadora que pauta toda a sua vida e obra e, com toda certeza, está interligada com toda a Teologia e Espiritualidade experimentada na América Latina e Caribe:

CONVOCAR para a festa, para o Tempo de Graça que o Espírito do Deus da Vida nos oferece. Um grande e profundo silêncio faz-se necessário para que a convocação, feita com toda a beleza e

grandeza de sons, cores e ritmos que a arte possibilita, chegue ao coração de cada ser e em todos os espaços da Terra!

CONFORTAR os que gemem e choram vitimados pela indiferença, pela exclusão, pela violência em suas mais diversas formas. Que doentes, idosos, vítimas de racismos e preconceitos, todos sejam acalentados pela ação confortadora das artes.

ANIMAR, isso mesmo: passar *ÂNIMO*, aos que estão lutando nas mais diferentes e importantes Frentes de Resistência, Afirmação e Alternativas de Vida para estabelecer valores humanitários universais. Muitos e muitas estão desanimando, desautorizados pelas forças poderosas dos Senhores da Mídia, do Estado, do Dinheiro, do ‘Sagrado’. A arte seja anima-ação para esses!

FORTIFICAR O AMOR, esse que se traduz nas mais lindas e dinâmicas criações de Solidariedade e Ternura entre os povos, pessoas e seres que suplicam por nosso convívio pacífico e teimam em implantá-lo!

DESPERTAR a cidadania, esse compromisso sincero, consciente, vibrante, com a construção da Pátria que sonhamos Livre e de todos, os desta hora e os das gerações futuras!

CULTIVAR a memória que carregamos em nossos corpos, memória que vem de nossos ancestrais, de suas lutas, descobertas, vivências míticas e místicas, costumes culturais que nossas gerações devem amadurecer e aperfeiçoar. Memória das árvores, dos pássaros, dos rios... Memórias das bases de Fé que estão na Bíblia Sagrada e nas Tradições Milenares de nossos Mestres e Mães!

CELEBRAR a Glória de Deus! A glória do Amor, da Vida, da Diversidade, da Gratuidade, da Misericórdia, da Justiça, da Paz! A glória Daquele que é Vitorioso e Ressuscitou da Morte! Deus Artista da Alegria! Cantemos, pintemos nossos corpos e nos vistamos com lindas e criativas vestes artesanais, com as grifes alternativas da Caminhada Popular! Dancemos e festejemos em nome daquelas e daqueles que provaram, antes de nós, da Felicidade Suprema da Festa, e contribuíram com tanto sacrifício de seus próprios corpos! Sim para eles e elas. Glorificado seja o Deus de toda Arte-vida! (Vicente, 2001, p. 79-80).

No Reinado de Deus, que é também Reinado do Povo, pois Deus nos fez seu Povo, estes sete verbos são presença constante, e nos envolve de tal forma, que fica muito difícil não se colocar a serviço das causas. Deus nos *convoca* a sermos discípulas missionárias, discípulos missionários, sobretudo, irmãs e irmãos, pessoas de fé unida à vida.

Deus *conforta* suas filhas e seus filhos. É nesse abraço de mãe que Deus nos dá, que vamos nos fortalecendo a cada dia. Deus nos *anima*! Ele envia sua *Ruah Divina* para soprar onde quer, e este sopro vital chega até nós como uma chama que se acende, aquecendo nossos corações. Depois disso, estamos por aí, na luta.

Deus *fortifica* tudo dentro de nós, principalmente o amor, a solidariedade e a ternura. Como semeadores e semeadoras invadimos os

caminhos e vamos semeando na esperança que todo esse amor, toda essa solidariedade, toda essa ternura, realmente cresça.

Deus nos *desperta* para o mundo, pois não vivemos fora do mundo, nós existimos para o mundo. Não temos outra Casa que não seja este mundo hoje. Cuidar dele, cuidar da Terra é saber que somos apenas jardineiros e jardineiras, no valoroso trabalho de fazer a vida despertar sempre mais colorida e bela. Deus nos ensina a *cultivar*. Cultivar as pessoas. Toda semente de amor, de ternura, de sabedoria, de compaixão lançada na terra, sempre nasce. Nós somos os responsáveis, as responsáveis por fazê-las crescer. Cultivar a vida ao invés da morte é o pano de fundo da missão de Jesus de Nazaré, e deveria ser a nossa também.

Por último, Deus nos ensina e nos convida a *celebrar*. Celebrar tem o mesmo significado de festejar. Uma festa com amigos e amigas é uma celebração de vida, de alegria, de amor, de carinho.

Portanto, uma Igreja que não tem e não faz memória da arte que anima a comunidade reunida, que não respeita as diversas manifestações artísticas em seu seio, está fadada a fechar-se e a morrer. Através da profecia e da poesia de Zé Vicente se aprende que há possibilidade de ser uma Igreja Pobre, de ser uma Igreja Povo de Deus, pois a humanidade inteira é povo de Deus. Na profecia e na poesia de Zé Vicente se encontram os pobres do Evangelho. E a primeira missão de um poeta-cantador é ser profeta; e profeta é aquele que diz a verdade diante de todo o povo!

Parabéns, Zé Vicente. Que todos esses anos de canções e profecias sejam adubo na caminhada. Que sua Arte Libertadora sempre possa alcançar os corações e as mentes de todas as pessoas que doam suas vidas pelo Reino da Vida, e que fazem das causas do Reino, as causas de suas próprias vidas. Deus lhe faça sempre feliz e que sua obra continue inspirando e apontando para a alegria do Evangelho: Jesus de Nazaré!

Referências

BÍBLIA Sagrada. Tradução Oficial da CNBB. 2ª ed. Brasília: Edições CNBB, 2019.

BRIGHENTI, Agenor. A justiça em Medellín e as categorias da tradição eclesial libertadora. In: SOUZA, Ney de. SBARDELOTTI, Emerson (orgs.). *Medellín: Memória, profetismo e esperança na América Latina*. Petrópolis: Editora Vozes, 2018.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia da Autonomia - Saberes necessários à prática educativa*. 49.ed. Rio de Janeiro: Paz & Terra, 2014.

GUTIÉRREZ, Gustavo. *Teologia da Libertação - Perspectivas*. São Paulo: Edições Loyola, 2000.

IRMANDADE DOS MÁRTIRES DA CAMINHADA. *Ofício dos Mártires da Caminhada Latino-Americana*: São Felix do Araguaia: Irmandade dos Mártires da Caminhada, 2018.

OLIVEIRA, Pedro A. Ribeiro. Canção Urgente. In: MOVIMENTO NACIONAL FÉ E POLÍTICA (org.). *Espiritualidade Político Libertadora - Caderno de Reflexão*: 12º. Encontro Nacional de Fé e Política. Belo Horizonte: MOBON, 2024.

MARIN, Darci Luiz. Esperança sustentando a fé sem medo - Entrevista com Zé Vicente. *Revista Vida Pastoral*. São Paulo: Paulus, n. 153, jul-ago, 1990. Disponível em: <<https://www.vidapastoral.com.br/artigos/entrevistas/esperanca-sustentando-a-fe-semmedo/>>. Acesso em: 13 mai. 2024.

PEDRINI, Dalvina Maria. *Um Cantador de Utopias*. São Paulo: USF/SEPAC, 1997.

TAVARES, Emerson Sbardelotti. *Utopia Poética*. São Leopoldo: CEBI, 2007.

BÍBLIA. TRADUÇÃO ECUMÊNICA DA BÍBLIA. 3.ed. São Paulo: Edições Loyola, 2020.

TINHORÃO, José Ramos. *Pequena História da Música Popular segundo seus Gêneros*. 7.ed.rev. São Paulo: Editora 34, 2015.

VATICANO II. *Constituição Dogmática Lumen Gentium sobre a Igreja*. Disponível em: https://www.vatican.va/archive/hist_councils/ii_vatican_council/documents/vat-ii_const_19641121_lumen-gentium_po.html. Acesso em 20 de junho de 2024.

VICENTE, Zé. Arte nas celebrações populares. In: BEOZZO, José Oscar (Org.). *Construir e celebrar a justiça e a paz em tempos de exclusão e violência - XIV Curso de Verão*. São Paulo: Paulus, 2001, p. 71-82.

VICENTE, Zé. *Tempos Urgentes - Poemas*. São Paulo: Paulinas, 2000.

VICENTE, Zé. Canto dos Mártires da Terra. Intérprete: Astúlio Nunes. In: Caminhada dos Mártires. São Paulo: VERBO FILMES, 1997, 1 CD, faixa 11.

VICENTE, Zé. *Canto de libertação*. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=NIQnXp5EjN8>. Acesso em: 18 jun. 2024.

VICENTE, Zé. *Baião das comunidades*. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=z9b46FMeWyo>. Acesso em: 18 jun. 2024.

VICENTE, Zé. *Canção urgente*. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=J20gLOiZhyE>. Acesso em: 19 jul. 2024.

Trabalho submetido em 27/03/2025.
Aceito em 14/11/2025.

Emerson Sbardelotti

Doutor em Teologia pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (2024). Mestre em Teologia pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (2016). Especialista em Gestão Ambiental e Sustentabilidade pelo CESAP, Vitória-ES (2013). Bacharel em Teologia pelo Instituto de Filosofia e Teologia da Arquidiocese de Vitória do ES (2012). Licenciado em História pelo Centro Universitário São Camilo, Vitória/ES (2010). Bacharel em Turismo pela Faculdade de Turismo de Guarapari/ES (1996). Tem experiência na área de Espiritualidade e Mística, Liturgia, Homilia. ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-5635-0411>. E-mail: sbardelottiemerson@gmail.com